

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO — QUARTA FEIRA — ANNO 1894

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO — 23 DE DE FEVEREIRO DE 1892.

N. 23

O PACAJÁ.

Eis-nos pois encetando o terceiro periodo de nossa esmaecida existencia, e cheios da affeição e de coragem lancamo-nos de novo a esse caminho tão escabroso.

O jornalismo é sempre uma cruz pesada e muito mais se torna para aquelles que como nos agora é que principiamos, porém o benevolo publico com seu auxilio e sympathia que nos tem de sustento, animando-nos a proseguir nessa nossa fadiga-a peregrinação, e por isso esperamos que esse fogo que nos anima e nos avigenta, não deixará de prestar-nos seu valioso auxilio de que tanto carecemos.

E lançando de novo o manto de viagor, esperamos ansiosos, ainda ouvir o sublime brado do immortal cantor da *Paricino*: *Awai! Awai!*

Concideramos ainda assignante de nosso periodico, os Surs. que accetarem o presente numero.

Temos resolvido a suspender a remessa do *Pacajá* a aquellos Surs. que ainda achão-se em debito de suas assignaturas e não mandarem satisfazer-as até o fim do corrente mez.

Não damos a *corrigenda* do artigo *Pedro e seu amo* do n. p. que sahio inçado de erros, porque achamos isso *inrazoavel* para os benevolos leitores, que nenhuma culpa tem nisso.

O OURO.

I.

Entre as diferentes vicissitudes, porque pode passar o espirito do homem, cremos que nenhuma é tão lamentavel, como a que resul-

ta do desprezo e abandono que os colloca a infelicidade.

Desgraciada por sem duvida é a sorte do homem que, senhor da sua intelligencia, e tirando della todos os mananciaes de importantes fructos, sempre empregados em prol do progresso, senão da prosperidade de seu paiz de sua patria, não guarda senão se vê doído por transeos não calculados, e se deffinhar-se a sua existencia fôr bem autorizada por Deus seu creador, e se vai deixando-se submergir por entre trevas e incertidões sendas, sempre abarrado, por que o não gerão, ou entes a fatalidade o arrastam para um abysmo de desraça e de infelicidade, soffrendo como em supplicio a ingratitude das humeas, ou o desprezo de seu merecimento.

E dir-se-ha que é menos exacto o que acabamos de qualificar? Não; que ali está comprovado por milhares outros factos tão experientes como os resultados conhecidos da decadencia senão do progresso do menos do espirito.

II.

A intelligencia foi em todos os tempos, o mais aperisolado e o que ligava a natureza em todo o seu desenvolvimento. Nenhum hom.juizo desconhece isso.

Queremos dizer, o espirito humano e sua marcha progressiva, sempre teve como pharol, o grupo da intelligencia que em seus triumphos, levava de vencida todas as controversias e distribeas que se lhe ponia em frente.

A intelligencia é tudo: foi soberana e predominou sobre as massas brutas de ignorancia e da estúpidez, mais ainda da ignorancia que é antes negligencia do que cruel fat alidade como a estúpidez.

III.

Mas quem é que verdadeira e legalmente apoeia ou reconhece a santidade deste principio real fundamental sempre da razão?

A intelligencia que se reflete na razão: a razão que brasa transuozir na intelligencia, e ambas identificadas de tal forma, que não existe

Pacajá
cu
23. 18

uma sem outra, diminua-lo ambas de Deus Omnipotente e Soberano Incontestavel de tudo que é sobre tudo!

IV.

Ninguém, repetimos, ninguém hoje aprecia subidamente a intelligencia, porque tudo se acha *materalizado*, e a grande razão predominante veio a ser *ouro*. Não se inflaga-se o *ouro* foi amontoado pela traficancia de carne humana, se pela passagem das notas falsas: não se quer saber se as lagrimas do orphão, da viuva, ou do pobre enstaraõ o recolhimento desse *ouro* com que hoje se impera, se blasfema, e se insulta a humanidade inteira: não se procura ver-se o cofre que guarda esse *ouro* está sustentado por punhaes e bacamartes, e se as moedas que de lá sahem ainda estão salpicadas de sangue: não se investiga o passado do homem rico que tem *ouro*, porque elle hoje não é mais pobre, e por consequencia é bom, e grande, é nobre, é sábio, e filular, tem grandeza, pode ser tudo, e tudo pode fazer.

O que é a intelligencia pois a par de tudo isso?!. Quem é que verdadeiramente a aprecia, neste seculo todo *materalizado*, e onde a grande, e unica razão predominante é o *ouro*?

E haverá alguém que não queira o *ouro*, e que para obtel-o não escolha meios, com tanto que consiga o fim?

Póde ser; mas duvidamos!...

(*Extrahido.*)

IDEIAS SOLTAS.

O QUE É O AMOR.

O amor agrada mais que o casamento, e a razão é, que o romance é mais divertido que a historia.

O amor é semelhante a uma arvore, brota de si mesmo, lança profundas raizes a nosso ser, e continúa muitas vezes a verdadejar sobre um coração em ruinas.

O amor é uma ave que canta no coração da mulher.

O amor é o romance do coração, é o praser, é a historia.

O amor é semelhante as crianças, impaciente por alcançar tudo o que lhe causa inveja.

O amor tem um caracter tão particular, que se não pode occultar onde elle está, menos fingir onde elle não existe.

O amor é n' alma, uma paixão de reinar, nos espiritos, uma *sympathia*, e nos corpos é o desejo acuelto e delicado de possuir o que só ama depois de tantos mysterios.

O amor é semelhante à lua, quando elle não cresce, é preciso que diminua.

O amor é como as doenças epidemicas, quanto mais se as teme, mais espesto se está.

O amor é uma molestia, que não quer outro medico senão elle mesmo.

O amor é filho da pobreza e Deus das riquezas; filio da pobreza, por que elle pede sempre, Deus das riquezas porque é liberal.

L.

① Parricida.

Olha! sobre aquella pedra sentado está um homem... Medita, medita, e de quando em quando um extreamecimento contrahе seus membros. Seus cabellos se irriçam, e uma palidez mortal cobre seu rosto descarnado.

La ficou novamente meditando, immovele:

Qual junto de um penedo outropenedo! depois, pouco à pouco ergue a fronte para o céu, entre-abre os labios e sorri—mas com um riso de desespero.

Ainda é moço, e suas barbas tornaram-se brancas, e seus olhos já não brillam com aquelle fogo da mocidade, e suas faces queimadas pela intemperie, estão cobertas de rugas. Suas mãos erguem-se e unem-se, ajoelha e cora.

Sabes quem é esse homem?

É o remorso! o vingador da natureza, aquelle que faz arripiar carreira ao mais sanguinario humano.

É o remorso! esse punhal vibrante que fere sem que se sinta; que mata lentamente, e que despedaça o coração de sua victima. É o remorso! esse echo que repercute por toda a parte, e vai entranhar-se no peito de todo o vivente.

Elle falla; escuta:

--Scinismo, maldade, infamia, tudo, tudo aqui se alimenta; este peito é um volcão de onde surgem as lavas mais ardentes, que enfurecidas se despenham por toda a parte aonde minha imaginação quer, e como o vento do deserto, essas lavas são destruidoras !..

--Que nome me é dado? perverso, impio!.. oh! não, não é esse--Parricida! parricida! Ah... ah, tenebrosa frase para mim!

--Eu assassinei meu pai, minha mãe. poderei expellir da mente esta palavra cruel e vingadora?!

De continuo só a meus ouvidos esta sentença fatal:

--A criancinha, ao passar junto de mim assusta-se, e com o dedinho, apontando, exclama--Parricida!

--O moço que na companhia d'aquella que vai fazer a sua felicidade, me avista, mostra-me e diz-me--O Parricida!...

--O velho pára, e com sua mão tremula aponta e balbucia:--Parricida!

Até o céo, quando imploro piedade, me responde com um ribombo furioso, que traduzo:--Parricida!

--Tudo foge de mim como se eu fóra um flagello, ou minhas vestes exhalassem um calor que empestasse a terra.

--Os proprios animaes me desprezam e fogem, mal me aproximo...

Novamente medita...

Aquelle homem desprezou todas as leis da natureza, todas as leis divinas e humanas para saciar seu appetite.

Matou seu pai e sua mãe, para se apoderar mais depressa do um punhado de ouro, que esbanjou logo que lhe chegou ás mãos.

Escarneceu de Deus, porque tirou a vida áquelles que lh'a tinham dado, áquelles que o alimentaram, acariciando-o na infancia.

Ingrato!

Deus não é vingativo.

Zombou dos homens, porque o deixaram impune; não lhe souberam conhecer nas faces os signaes precursores do crime.

--Só o remorso teve compaixão das cinzas de seus progenitores;

--Só o remorso tomou conta da vingau

ca, e lhe dará a morte; mas uma morte peor que todas as mortes.

A sua vida é um continuo lidar, um continuo viver de sobresalto e de amofina-pues!

--No céo--a justiça de Deus!

Na terra--o desprezo dos homens!..

Echo Elísio.

Variedades.

--A vida do homem divide-se em tres epochas!

* Na primeira em nada pensa,

* Na segunda pensa no que pôde fazer e vir a ser.

* Na terceira lamenta-se de não haver feito cousa alguma.

* O que morre no primeira zomba das duas restantes e evita muitos dissabores.

* O que fallece na segunda faz a viagem para o outro mundo ainda cheio de illusões.

* O que succumbe na terceira esse vai só, absolutamente só.

--A vida de Hymeneo é, quasi sempre, uma serie continuada de queixumes de dia, e de roncaria de noite.

--Desposar uma donzella, cuja virtude é duvidosa, é expor-se um homem a comer galo por lebres.

--Não gosto das edições, nem das mulheres contrafeitas.

--A realidade é a limonada purgativa do sentimento.

--A intriga é o farrapo da ambição.

--Mirabaeu amava com muita força: esta era a sua maior fraqueza.

Contos veridicos.

Era uma vez um dia, habitavam em uma cidade, que alguém se lembrou de denominar *Exilópolis*, dois sujeitos; um era estrangeiro e chamava-se Barbarosa, e o outro natural, da dita cidade, chama-

va-se Dominico, era bom cidadão, bom esposo, bom pai de numerosissima familia, honra muito honrado e tambem muito pobre. Por motivos de familia, Dominico vio-se obrigado a vender uma cazita que possuia a beira mar. Barbarosa ajustou compral-a pela quantia de 800 piastras; mas quando fez o pagamento deu, entre o demais dinheiro, uma nota de 100 piastras de Branco que ja nao tinha curso. Havendo duvida sobre essa nota, Barbarosa comprometteu-se a substituil-a por dinheiro corrente, logo que se restabelesse de uma enfermidade que o prendia á cama. Ora, Deus permitiu que elle recuperasse a saude, mas quando Dominico reclamou a substituição da nota, Barbarosa com o maior desfacamento disse que *o não tendo certeza de que aquella fosse a mesma nota, que dera a Dominico, nada tinha a fazer.* Assim veio Dominico a ficar defregulado em 100 piastras, que Santa Rita Maria hade fazer o milagro Barbarosa comer em galinhas no fundo de uma cama.

Albino Paes. ***

Anecdotas.

Um barbeiro, estando a barbear um freguez e dando-lhe a vontade de esvasiar a bexiga, teve a sem seremonia de o fazer na propria loja; e, como o freguez lh'o estranhasse, respondeu: *Mudo-me amanhã.* O freguez, a quem deu vontade de fazer o mesmo e mais alguma cousa, tambem o fez no meio da sala; e, como o barbeiro lh'o estranhasse, sabio respondendo: *Ah! eu mudo-me já.*

Uma Mãe, participando ao mestre as faltas de seu filho ao collegio, escreveu: *Meu filho não tem ido estes dias por causa*

das choras desta sua criada F...

Uma senhora muito espirituosa, passeando em um dos nossos saloes de baile, e acontecendo encontrar com a mulher do cavalleiro que lhe servia de par, lhe disse: Minha senhora, não tenha cuidado com seu marido, que eu mesmo o vigio. - A outra, continuando o passeio, respondeu: - *Cuidado! não faça o preso com a sentinella.*

POESIA.

ELLA—E SEMPRE ELLA.

Perdi-te enfim, perdeu minh'alma
Magica flor tão cedo desfolhada
O pampeiro da morte não poupou-te
Ati pobre florinha malfadada.

Em ti perdi as restas sacrosantos
Emblema de minh'alma abandonada
Seccarão-se contigo, uma por uma
As folhas desta vida contristada.

Tão cedo, ja ceifada pela morte
Com tanto amor no peito palpitante
Tão cedo ja a lousa do sepulchro
Quebrou p'ra sempre nos o amor constante.

Ai, que magico poder perdeu em ti
Meu peito triste de an ejar caugado
A lousa do sepulchro te esqueceu
Para sempre do mundo, malfadado
Perdi-te enfim, perdeu minh'alma
Magica flor, tão cedo desfolhada
O pampeiro da morte, não poupou-te
Ati pobre florinha malfadada!

B. F.

A decifração do Enigma publicado no n. 24 é-- *Um não ministro fez o governo desinhosourar muito dinheiro, e correr humano sangue em hortolões.*

ENYGMATA PITTORESCO.



SA



SO



pl o

XC

ANGON AA

